

Com Brasil

Fipe calcula que a década perdida custou ao País pelo menos US\$ 280 bilhões

* 2 DEZ 1991

JORNAL DA TARDE

A Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da Universidade de São Paulo fechou na última semana uma conta assustadora: a economia brasileira já deixou de produzir o equivalente a US\$ 280 bilhões desde 1980, ano a partir do qual o País mergulhou em sucessivas recessões. Esse resultado pode chegar em 1996 a US\$ 490 bilhões, na melhor das hipóteses, se o governo chegar a um programa de reestruturação econômica com apoio das classes política e empresarial. O que equivale a quase quatro vezes o valor atual da dívida externa.

"Se foi adotado agora um programa político e econômico, os resultados efetivos só vão começar a se refletir na economia daqui a pelo menos cinco anos", afirma Joe Yoshino, pesquisador da Fipe. Aquela quantia poderia ter gerado milhares de empregos, renda e salários. Hoje o salário real médio é 50% menor do que há dez anos, segundo dados da Fipe.

O cálculo foi feito levando-se em conta o fato de o País não ter repetido a taxa média de 6% de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), registrada na década de 70. A Fipe se baseou na média do PIB dos últimos dez anos e aplicou o índice acumulado ano a ano para chegar ao resultado. Em 80, o PIB estava em US\$ 320 bi-

lhões e em 90, US\$ 478 bilhões.

"Hoje nós deveríamos estar com PIB de US\$ 758 bilhões e em 96 de US\$ 838 bilhões. Essas diferenças provam que a economia nacional está estagnada", diz Yoshino.

Poucos investimentos

A consequência desse cenário recessivo já pode ser contabilizado. Números da Serasa (Centralização de Dados Bancários S.A.) mostram que de janeiro a outubro deste ano os pedidos de falência chegaram a 14.300, ou seja, 289% acima de 1990. No mesmo período, as concordatas somaram 629, ou 112% a mais do que no ano passado. Dados recentes do Banco Central mostram que em oito meses deste ano o Brasil conseguiu investimento estrangeiros de apenas US\$ 8 bilhões, dos quais a maioria foi para socorrer as filiais de multinacionais.

Nos últimos 12 meses houve retração na ordem de 9% na indústria de transformação. Os setores da indústria de transferência mecânica, por exemplo, registraram queda de 19,3% no nível de produção. O setor de metalurgia caiu 14,8%, vestuário e calçados, 13,6%, minerais não metálicos, 12%, e bens de capital, 18,6%. No período de um ano, somente três setores registraram ligeiro cresci-

mento: fumo, 2,5%; bebida, 1%; e produtos alimentares, 0,3%.

"Foi uma década perdida e infelizmente vamos continuar mais meia década desta forma", lamenta Juarez Rizieri, da Fipe. Da mesma opinião compartilha Yoshino. Ele acrescenta que a próxima geração vai pagar a conta dos erros dos planos governamentais. "O estoque de capital no parque industrial no País não está crescendo. Por isso quem vai pagar a conta é a próxima geração, que será penalizada ainda mais por falta de emprego, condições de trabalho e queda real dos salários", acrescentou Yoshino.

O economista Eduardo Gianetti da Fonseca diz que outra preocupação é que o País está atrasado no processo de reformas estruturais. "Em relação aos outros países da América Latina já pode ser considerado como um País atrasado."

Essa mesma conclusão pode ser encontrada no livro a ser lançado esta semana pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão subordinado ao Ministério da Economia. O livro "Perspectivas da Economia Brasileira/92" mostra que o cenário recessivo fez a economia brasileira se atrasar em relação aos maiores países da América Latina.

Neusa Sanches